

O Meio Místico (excerto)

— Que há, pois, no sofrimento que me entregue tão profundamente a Vós?

— Porque estremei mais alegre que perante asas, quando me estendestes laços?

— Ah, é que nos vossos dons, Senhor, o único elemento que invejo é o perfume da vossa influência e a impressão da vossa Mão sobre mim. — Mais que a liberdade e a exaltação do sucesso, o que nos exalta, a nós, os homens, é a alegria de ter encontrado uma Beleza superior que nos domina: é o inebriamento de sermos possuídos. — Ora, se me movo e progrido conforme os meus desejos, posso considerar-me meu mestre; mas se corro no sentido da vossa acção, não a sinto: a minha barca parece não ter nem leme, nem velas. Quer venham contrárias as mudanças de vento, paragens súbitas que a fazem empinar, viragens que a inclinam até fazer tocar na água, sinto no seu vigor a Força que me mantém. Não é senão opondo-se aos meus gostos, e corrigindo-os, que o vosso Poder, oh meu Deus, ganha toda a sua realidade para o meu coração, e me marca ao vivo com o cunho beatificador do seu Domínio.

Benditas sejam, pois, as decepções que nos arrancam a taça dos lábios, e as cadeias que nos forçam a caminhar para onde não desejávamos!

Bendito seja o Tempo inexorável e a sua perpétua sujeição, a inexorável escravatura do Tempo que passa demasiado lentamente e irrita as nossas impaciências, do Tempo que passa demasiado depressa e faz envelhecer, do Tempo que não pára, e nunca mais volta!

Bendita seja sobretudo a Morte e o horror do seu regresso às Energias cósmicas. — Na morte, um poder tão forte como o Universo se funde sobre os nossos corpos, para os pulverizar e dissolver; uma atracção, mais formidável que qualquer tensão material, arrasta as nossas almas, sem resistência, para o Centro que lhes convém. — A morte faz-nos perder o pé, completamente, em nós mesmos, para nos entregar aos Poderes do Céu e da Terra. É esta a última palavra do seu terror... mas é também, para o místico, o auge da sua beatitude: o acesso definitivo, finalmente! ao Meio que domina, arrebatada e abrasa.

Beaulieu-les-Fontaines, Oise, 13 de agosto de 1917